



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## CONCORDÂNCIA DISCURSIVA: ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DA LÍNGUA E DADOS DO SÉCULO XIX

**Danilo Bernardes da Silva<sup>1</sup>; Edilaine Buin Barbosa<sup>2</sup>**

UFGD/FACALE – Caixa Postal 553, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: dan\_bernardes29@hotmail.com

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica da UFGD.

<sup>2</sup> Orientadora, Professora FACALE.

### RESUMO

Esta comunicação apresenta um trabalho de pesquisa, cujo objetivo é investigar aspectos discursivos/semânticos da concordância nominal e verbal, participantes do processo de construção do texto. Trata-se de uma primeira etapa de um trabalho de iniciação científica (PIBIC/UFGD) interinstitucional, vinculado diretamente a dois projetos de pesquisa: 1) Para a História do Português Brasileiro (PHPB), temático financiado pela FAPESP, coordenado pela Profa. Clelia Jubran (UNESP), vinculado ao subprojeto coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP); e 2) Escrita em situações de ensino e a construção dos sentidos”, desenvolvido na UFGD e coordenado pela Profa. Dra. Edilaine Buin, orientadora deste trabalho. Partimos do pressuposto da dinamicidade da língua: trata-se de uma manifestação viva da linguagem, transformadora do sujeito e do *outro* que com ele interage.

Nessa perspectiva, assume também como pressuposto uma abordagem da língua como multissistema (Castilho, 2010). Tradicionalmente, tanto os formalistas quanto os funcionalistas costumam eleger um sistema central para a língua, o qual, por estipulação teórica, determinará os demais sistemas. Os gerativistas elegem para o trono a sintaxe, os neogramáticos, a fonética, os estruturalistas, a fonologia, os funcionalistas, o discurso e a semântica. Baseado nisso, Castilho (2010) questiona o motivo pelo qual se tem historicamente afirmado que a língua dispõe de um sistema central: “que percepção epistemológica está por trás dessa postulação?”. Chega então à conclusão de que tanto formalistas quanto funcionalistas, os quais são considerados tão diferentes, compartilham na

verdade uma mesma percepção linearizada da língua, cujas categorias se acomodam por postulação teórica em camadas, ou níveis ou hierarquias.

Tanto alguns dados de aquisição da escrita quanto o próprio funcionamento da oralidade mais os dados de gramaticalização parecem “requisitar” uma teoria que considere, sobretudo, o aspecto dinâmico da linguagem humana, que envolve a *criatividade* dos sujeitos (Franchi 1987). Castilho (2009, 2004), nessa perspectiva, propõe uma concepção de língua como um *multissistema dinâmico*, sugerindo a existência de quatro sistemas autônomos: léxico, semântica, discurso e gramática. Desestabiliza, dessa forma, a razão daqueles que postulam a existência de um sistema central para o funcionamento da língua.

Segundo essa nova concepção, nenhum dos quatro sistemas é central e nenhum determina o outro. Cada um é configurado por um conjunto de categorias, suficientemente fortes para representar os processos e os produtos de que esses sistemas são feitos: (i) léxico e lexicalização, (ii) semântica e semanticização, (iii) discurso e discursivização, (iv) gramática e gramaticalização. A Semântica, por exemplo, é criação dos significados baseadas em estratégias cognitivas tais como o emolduramento da cena, a hierarquização de seus participantes, a organização do campo visual, a movimentação real ou fictícia dos participantes, sua reconstrução através da metáfora e da metonímia. Daqui resultam os sentidos lexicais (dêixis, referência, predicação), os significados composicionais (derivados da composição de palavras) e as significações pragmáticas (inferência, pressuposição). A *semantização* é, portanto, o processo de criação de sentidos. O Discurso, por sua vez, é explicado por Castilho (op.cit.) como uma sorte de contrato social que estabelecemos linguisticamente, de que decorrem os usos linguísticos, concretizados no texto. Esse sistema está fulcrado no eixo dêitico, isto é, na instanciação das pessoas no discurso e em sua localização no espaço e no tempo. Satisfeitas essas condições prévias, dá-se a interação através de estratégias pragmáticas que nos revelam as categorias discursivas de turno conversacional, tópico, foco, unidades e nexos textuais. *Discursivização* é, então, o processo de articulação social e de criação do texto que daí resultará.

Castilho parte do pressuposto que os sistemas são regidos por um *dispositivo sócio-cognitivo* que opera sobre a língua, ativando/reactivando/desativando as propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. O ponto central da proposta é que os quatro sistemas linguísticos são governados por esse dispositivo, que tem caráter pré-verbal. Ele é *social* porque é baseado em uma análise continuada das situações que ocorrem em um ato

de fala, e é *cognitivo* porque lida com categorias cognitivas tais como visão, espaço, tempo, movimento. Além de os quatro sistemas serem articulados pelo princípio sócio-cognitivo, são organizados pelo que Castilho (1998, 2004), baseado nos estudos da análise da conversação, chama de *princípio da projeção* (1998/2004), entendida em seu sentido corrente como “lanço, arremesso”. Ao longo de uma conversa, o interlocutor sempre projeta o próximo movimento verbal, tentando imprimir o rumo da conversação, ao mesmo tempo em que tenta entrar no papo, produzindo até comentários rápidos. A atuação do princípio da projeção no sistema do Discurso dá como resultado a construção do texto (Jubran & Koch 2006). Mas esse princípio, como pondera Castilho (Castilho, 2009b), não se esgota no domínio do discurso. A concordância, que se materializa no texto, é entendida como uma das manifestações desse princípio. Daí a relevância da escolha da abordagem multissistêmica da língua como base teórica.

Tradicionalmente, a concordância (*agreement*) é entendida como “o fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra em uma sentença é determinada pela forma de outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical” (Trask, 2006, p.61). Segundo Trask, “a concordância é um dos fenômenos mais comuns, nas línguas em geral, mas não tem a mesma extensão em todas elas. O suaíli, o russo, o latim e o alemão têm muita concordância; o francês, o português e o espanhol, um pouco menos; o inglês, muito pouco, e o chinês, nada” (p. 61). Os estudos do autor mostram a concordância no limite do sistema da gramática – o termo determinante concorda com o termo determinado, ambos expressos no enunciado, como na maioria dos estudos tradicionais sobre concordância. Como na sentença: (a) “*O menino acordou muito cedo*” ou, conforme o exemplo de Castilho, (b) “*A totalidade dos entrevistados deixou de comparecer*”.

Se tomarmos como únicas as regras gramaticais, acabaremos considerando como “erro” casos de concordâncias que fogem ao esquema de conformação do termo determinado ao termo determinante em um mesmo enunciado. Através da análise da conversação, pode-se observar que há inúmeras ocorrências, inclusive entre falantes de prestígio social, em que as regras que regem a concordância na conversação estão longe de serem similares àquelas que regem o padrão na escrita convencional. Fatores discursivos e semânticos revelam outras regras que o sujeito aciona ao elaborar a fala/a escrita, como nos exemplificaram os textos de aquisição da escrita anteriormente. No exemplo (c) “*O pessoal, depois de terminado o jantar, assistiram ao filme de estreia*”, o verbo concorda com o sentido “plural” de *pessoal*,

embora o substantivo venha no singular. Trata-se de uma regra estabelecida pelo sistema semântico.

No exemplo de Castilho, (d) “Eu fiquei *encantada* com tudo aquilo”, a concordância se estabelece entre um termo expresso e um participante do discurso, não expresso: o pronome remete a algum referente feminino, e a concordância do particípio *encantada* aponta para essa realidade extrassentencial, conforme explica o autor. Aqui temos então como determinante da regra um fator discursivo. Cabe lembrar que todos os casos de concordância se expressam por meios gramaticais, no entanto, a motivação não procede sempre da gramática. Baseado nessas motivações é que Castilho, didaticamente, propõe um programa de pesquisas sobre a concordância do português: (1) concordância gramatical: um termo concorda formalmente com o outro; (2) concordância semântica: um termo concorda com o sentido do outro; (3) concordância discursiva: um termo do enunciado concorda em gênero e número com um participante da enunciação, não representado no enunciado.

Entendemos, diferentemente de uma concepção tradicional, que concordância é regida no Português brasileiro por regras variáveis. Os seguintes fatores co-ocorrem com a concordância/não concordância: (i) fatores discursivos: nível sociolinguístico, graus de formalidade, entre outros; (ii) fatores gramaticais: estatuto categorial, colocação próxima/distanciada dos constituintes, caso gramatical, entre outros; (iii) fatores semânticos: referência indeterminada, não predicação verbal, quantificação, entre outros. Esses fatores ativam/reativam/desativam a concordância no Português. Embora a pesquisa focalize momentos de descrição e análise a partir de certos recortes do funcionamento da língua, no diálogo com o projeto temático (USP), procurar-se-á olhá-la em uma perspectiva diacrônica. Esta pesquisa consolida um primeiro momento em que estudamos o fenômeno isoladamente, ou seja, sem nos preocuparmos com os vínculos histórico-sociais, os quais serão tecidos posteriormente, a partir do estudo dos gêneros textuais que compõem o *corpus* e a partir das análises de outros colegas de projetos a este trabalho vinculados.

Nosso corpus é formado por documentos do século XIX: editoriais e cartas pessoais, disponíveis no banco de dados do Projeto PHPB. Privilegiamos os casos singulares de concordância não-padrão, uma vez posto que a “falta” do que é habitual aos nossos olhos pode dar passagem à luz que possibilite enxergarmos evidências da atuação de outros sistemas. Ou seja, o desvio da concordância padrão pode estar indicando a atuação dos sistemas semântico e/ou discursivo, como ocorrido no exemplo que analisamos no final das

justificativas. Estaremos muito atentos a esses casos, os quais fornecerão pistas de como os sujeitos acionam o sistema semântico e discursivo da língua para elaborar a concordância.

O século XIX dispõe apenas de registros escritos e os casos de concordância não padrão são muito raros – assim, procuramos ocorrências singulares, que nos deem indícios do funcionamento semântico e discursivo manifestado no fenômeno estudado. Um dos resultados obtidos, refere-se à situação social aliada à necessidade argumentativa do interlocutor podem interferir na concordância nominal. Vejamos o caso de um anúncio jornalístico do século XIX:

*sorpreza!!|Em consequencia dos negocios estarem muito bicudos e o dinheiro andar tão| grudados nas algibeiras de quem o tem, resolvi fazer grande reduccão nos preços|de minhas obras. Si bem que até hoje ninguem tem feito maiores vantagens, eu|garanto aos meus freguezes que continuarão a ser servidos com esmero e|perfeição, e a par de tudo isto terão mais o abatimento de 20%.|Aproveito o ensejo para comunicar-lhes que acabo de receber um bello|sortimento proprio para a presente estação, tanto para costumes como para|sobretudos.|Alfaiataria Commercial|Ladeira de São João número 10|O proprietario e cortador, M. Martins Correia. Correio Paulistano, 03 de abril de 1889.*

[19 2 SP JCP] São Paulo, Correio Paulistano.

Do ponto de vista discursivo, *o dinheiro*, que vem na forma singular, é caracterizado por *andar tão grudados* nas algibeiras de quem o tem; *grudados*, predicativo do sujeito, concorda com o montante que a palavra *dinheiro* pode significar e não com a forma gramatical em si. Quando se diz *dinheiro*, podemos nos referir às várias notas que compõem uma determinada quantia, por isso a ideia de plural. O enunciador fala em *algibeiras*, no plural. A imagem construída pelo discurso é de várias pessoas, cada qual com seu dinheiro em sua algibeira, praticamente grudado nesse compartimento, de modo que não lhe escape, dada a necessidade de poupar.

Para atingir seu objetivo, o enunciador tem que influenciar as pessoas a mudarem seu comportamento, ou seja, a “desgrudarem” o dinheiro das suas algibeiras. E ele só atingirá esse objetivo se der a elas a certeza que ainda sobrá dinheiro no compartimento. Como vemos, nesse quadro prevalece a ação das pessoas e não o dinheiro em si, por isso podemos supor que *grudados* pode remeter às várias algibeiras que compõem a cena, representando a preocupação das várias pessoas em economizar, portanto em relação com uma ideia plural.

